

PSICOLOGIA E NOVAS ESPIRITUALIDADES: PLANTAS ENTEÓGENAS, VIVÊNCIAS COLETIVAS E PROMOÇÃO DE SAÚDE INTEGRAL

PATRÍCIA MEDRONHA SOARES¹; MIRIAM CRISTIANE ALVES²

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – patricia.ms@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – oba.olorioba@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Experiências envolvendo estados alterados de consciência fazem parte da constituição da humanidade desde os primórdios. Essa é uma característica natural do organismo e existem diversas formas de conduzir tais estados, de modo que uma delas é por meio de plantas enteógenas, que colocam o sujeito em transe ou êxtase (WASSON, HOFFMAN E RUCK, 1980 APUD PAIVA, 2005). A palavra enteógeno vem do grego “entheos” que significa “Deus dentro”, ou seja, “o que leva o divino dentro de si” (WASSON, HOFFMAN E RUCK, 1980 APUD PAIVA, 2005). Conforme LIRA (2009), o termo enteógeno foi proposto por alguns pesquisadores – Górdon-Wasson, Albert Hoffmann e Carl Ruck –, ao discutirem a utilização errática do termo alucinógeno, cuja etimologia nos remete um estado de demência momentânea, perda dos sentidos, delírio e divagação mental sem objetivos maiores ou aprendizados. Características que, por sua vez, são incompatíveis com o estado proporcionado pelas plantas enteógenas, haja vista que o transe é consciente e possui um maior propósito.

LIRA (2009) refere que a diferença entre as plantas psicotrópicas e as enteógenas – também conhecidas como de “plantas de poder” –, está no contexto de uso e no contexto social nos quais estão inseridas, que as identificam e as distinguem. Ainda segundo o autor, algumas “plantas de poder” mais conhecidas e catalogadas pela literatura científica: o cacto peyote (*Lophophora williamsii*), utilizado pelas tribos da América do Norte e América Central; a planta trombeta (*Datura metel* e *Datura stramonium*), comum aos nativos mexicanos; o cacto San Pedro ou Wachuma (*Echinopsis* sp.) dos povos andinos; os cogumelos mágicos (principalmente as espécies de *Psilocybes*); o cânhamo (*Cannabis sativa*), usado ritualmente pelos hindus, islâmicos, antigos zoroastros, africanos, japoneses e chineses; a planta jurema (*Mimosa* sp.), dos índios e caboclos do Nordeste brasileiro; a iboga ou buite (*Tabernanthe iboga*), típica planta africana e as espécies vegetais que compõem a bebida ayahuasca do xamanismo andino; o cipó marirí (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas da chacrona (*Psychotria viridis*).

As experiências individuais ou coletivas com plantas enteogênicas são rechaçadas pela sociedade em geral, condenando-as de diversas formas com a justificativa de cuidado com saúde pública e moral da coletividade, (ARAÚJO, 2016) dificultando, assim, também pesquisas com estes ativos (THE TELEGRAGH, 2016).

Sob outro olhar, há inúmeras culturas tradicionais espalhadas pelo mundo que fazem uso de tais plantas com caráter sagrado e ritualístico (ARAÚJO, 2016). No Brasil, temos o uso da ayahuasca dentro de religiões tradicionais e a partir de usuários urbanos que, segundo LABATE (2004), ainda que se incluam em um contexto de uso ritual com mestres e tradições xamânicas, esses grupos tendem a se identificar como neo-xamãs, em um contexto místico global, e não como adeptos de uma religião cabocla.

Face o exposto, o objetivo deste estudo é compreender a relação entre o uso de plantas enteógenas e a promoção da saúde integral para um grupo de praticantes do Instituto Xamânico Caminho do Arco Íris, em Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Como estratégia metodológica serão utilizadas a autoetnografia (SCRIBANO, A. e DE SENA, 2009) e o co-labor (DOMÍNGUEZ, 2012; LEYVA e SPEED, 2008), na perspectiva de que o estudo seja construído “desde dentro” (ALVES, 2012) e em conjunto com o grupo de praticantes do uso de plantas enteógenas do Instituto Xamânico Caminho do Arco Íris. Ou seja, o estudo pressupõe a participação e o protagonismo de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa.

O estudo está organizado em três etapas interdependentes: 1) revisão teórica; 2) imersão no grupo de praticantes do uso de plantas enteógenas; 3) encontros de co-labor com participantes do grupo tendo como foco as vivências com as plantas enteógenas, seus sentidos e significados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra em sua fase inicial com foco na revisão bibliográfica e no processo de imersão no grupo, que serão a tônica dos resultados preliminares aqui apresentados. Deste modo, na construção frasal, também faremos uso da primeira pessoa do singular por se tratar do relato de vivências, sentimentos e percepção de uma das pesquisadoras no contexto de estudo.

O processo de aproximação ao grupo se deu por meio de um primeiro encontro, marcado via rede social, com um de seus condutores realizado em abril de 2017. Nesse encontro fui acolhida e recebi orientações breves sobre o funcionamento do instituto, de seus rituais no que tange a duração, dinâmica e preparação. Deste então, tenho participado de encontros quinzenais e, às vezes, semanais junto a um grupo de praticantes de plantas enteógenas do Instituto Xamânico Caminho do Arco Íris.

Esse grupo tem sua articulação e comunicação orquestradas, na maioria das vezes, pela rede social *facebook* por meio de um grupo onde são divulgadas e disseminadas mensagens, livros, orações, vídeos e músicas autorais e de outros. As chamadas para os rituais também são feitas via rede social e a partir dela a confirmação das presenças nas cerimônias.

Embora o espaço virtual seja muito utilizado, as relações presenciais e coletivas têm se mostrado fundamentais no processo do uso de plantas enteógenas, de modo que os efeitos psíquicos e terapêuticos não estão relacionados somente aos princípios ativos da planta, mas sim ao conjunto de elementos rituais e coletivos que cerca esse uso. Durante essa prática coletiva vivencia-se a expansão da consciência e o despertar para uma transformação pessoal, na qual se executa “um trabalho de transformação da interioridade do sujeito” (CHAMPION, 2001 APUD PAIVA, 2005).

Dentro do grupo é notável a convergência de diferentes correntes filosóficas e religiosas, as quais tem constituído uma nova prática espiritual contemporânea, forjando um movimento na busca por uma nova consciência religiosa fundamentada em diferentes tradições, como por exemplo, ocidentais, orientais, indígenas e africanas. Tais movimentos têm se mostrado contrários à ideia de uma verdade única e objetiva sobre as experiências humanas, cuja

racionalidade científica se sobrepõe a qualquer outra. ALVES, SEMINOTTI e JESUS (2015, p.112), referem que ainda necessitamos avançar no “reconhecimento de que existem diferentes modos de se ter razão”, ou seja, no reconhecimento da existência de “diferentes racionalidades” que forjam modos de existências outros.

Essa vivência em grupo como esse abre caminhos para a criação de modos particulares de espiritualidades desidentificadas com práticas institucionalizadas.

4. CONCLUSÕES

O ritual xamânico praticado no grupo Caminho do Arco-íris, considerando suas características como sua estrutura, imagens, músicas, materiais de apoio, bem como as narrativas e implicação de seus praticantes, expressa uma bricolagem de diferentes crenças associadas aos elementos da nova consciência religiosa.

Embora ainda em fase inicial, esse estudo construído numa perspectiva “desde dentro” (ALVES, 2012) tem sua potencialidade relacionada à possibilidade de ampliar a compreensão sobre o uso de plantas enteógenas como um dispositivo terapêutico desde o lugar de fala dos sujeitos que comungam desta prática, onde compartilhamento de experiência em espaço coletivo se faz imprescindível e de grande valor para o cuidado de si e do outro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Míriam Cristiane. **Desde Dentro: Processos de Produção de Saúde em uma Comunidade Tradicional de Terreiro de Matriz Africana**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, Rio Grande do Sul, 2012.

ALVES, Míriam Cristiane; SEMINOTTI, Nedio; JESUS, Jayro Pereira. Conhecimentos e Verdades: racionalidades em questão! In: SILVA, Leonardo Machado da; MORAES, Maria Lúcia Andreoli de. **Psicologia e Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

ARAÚJO, Francisco Savoi. Plantas de poder em contextos de situação – o Santo Daime. 2016 graduando em Antropologia pela UFMG. Disponível em: <<http://neip.info/evento/grupo-de-trabalho-plantas-sagradas-ritual-e-novas-espiritualidades/>>. Acesso em agosto de 2016

CAROZZI, Maria. Nova Era: autonomia como religião. In: CAROZZI, Maria (Org.). A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Vozes, 1999.

DOMÍNGUEZ, M. N. C. **Nuestra experiencia en la investigación descolonizada activista de co-labor: la forma de proceder en lo concreto**. 2012. In: Seminário (Virtual) Internacional "Creación de Prácticas de Conocimiento desde el Género, los Movimientos y las Redes". Disponível no site: encuentroredtoschiapas.jkopkutik.org. Acessado em outubro de 2017



LABATE, Beatriz. **A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2004.

LIRA, Wagner Lins. **Os trajetos do êxtase dissidente no fluxo cognitivo entre homens, folhas, encantos e cipós: uma etnografia ayahuasqueira nordestina**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, 2009.

LEYVA, X. E SPEED, S. "Hacia la investigación descolonizada: nuestra experiencia de co-labor" 2008. Disponível em: <http://files.matices-ugc.webnode.es/200000046-65559674bf/Leyva_y_Speed.pdf>. Acessado em outubro de 2017.

PAIVA, Vinicius Schwochow. **Ayahuasca, experiências e neoxamanismo: um estudo etnográfico junto ao Grupo Xamânico Caminho do Arco-Íris – Pelotas/RS**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

SCRIBANO, A. e DE SENA, A.. Construcción de Conocimiento en Latinoamérica: Algunas reflexiones desde la auto-etnografía como estrategia de investigación. 2009. Disponível em: www.moebio.uchile.cl/34/scrivano.html. Acessado em outubro de 2017.

THE TELEGRAPH. **Magic mushrooms lift severe depression in trial**. Londres. 17 de maio de 2016. Ciência. Henry Bodkin. Acessado em outubro de 2017. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/science/2016/05/17/magic-mushrooms-lifts-severe-depression-in-trial/>.